

A PRIMEIRA GREVE DOS PROFESSORES DO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS: MEMÓRIAS DOS PARTICIPANTES.

Eugenio Rolim Rodovalho de Alencar*

Estudamos através do presente trabalho, um fato histórico acontecido no ano de 1984: a greve de professores do município de Cajazeiras-PB¹. Este evento histórico possui a qualidade de ter sido o primeiro movimento grevista dos servidores municipais desta cidade. O problema central da nossa pesquisa diz respeito à memória dos professores que participaram da greve ocorrida na Escola Municipal Monsenhor Constantino Vieira, em agosto de 1984. A problemática encarada como elemento formulador da atual pesquisa se apresenta da seguinte forma: o que e como os professores da escola Constantino Vieira guardam em suas recordações, as Memórias sobre os diversos aspectos e acontecimentos da greve por eles encetada em 1984, mais de duas décadas após aquele acontecimento? O que revela o discurso dos professores grevistas expresso atualmente, acerca daquele acontecimento? Para escrever e analisar a fala dos professores, adotamos a metodologia da história oral. Portanto, é a história narrada pelo discurso dos personagens que estiveram à frente dos acontecimentos da greve objeto desse estudo, que trazemos para o debate no seio da academia.

O Discurso dos Professores Grevistas: Memórias e Esquecimentos.

Inicialmente ressaltamos que na análise dos discursos dos professores entrevistados nos deparamos reiteradas vezes com pontos de esquecimento expressos pelos sujeitos em suas declarações. Esses esquecimentos estão manifestos em diversas expressões como “eu não lembro”, “eu não me recordo”, “não, não me lembro”, “não lembro bem”, “não dá prá lembrar”, “eu não tenho lembrança”, “não sei precisar”, que aparecem nos discursos dos entrevistados.

Num trabalho que aborda a memória é importante ressaltar a importância da linguagem para a compreensão deste fenômeno. Acerca disto, vejamos o que fala a autora da obra *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*, Ecléa Bosi:

O instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual. (...) As convenções verbais produzidas em sociedade constituem o quadro ao mesmo tempo mais elementar e mais estável e mais estável da memória coletiva².

* Especialista em História do Semiárido Nordeste, título adquirido após conclusão do curso de Especialização em História do Semiárido Nordeste, da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores. Email: Eugenio.cz.rodvalho@gmail.com

¹ O presente artigo constitui-se num capítulo da monografia apresentada em setembro do corrente de 2011, no curso de Especialização em História do Semiárido Nordeste, da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, como requisito à obtenção do título de Especialista em História do Semiárido Nordeste, monografia esta realizada sob orientação do professor Dr. Dorgival Gonçalves fernandes.

² BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 14ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 56.

Este instrumento que socializa a memória dos professores abordados, a linguagem, o discurso destes revela que lembranças e esquecimentos caminham lado a lado, e percorrem toda a narrativa elaborada por estes sujeitos.

Ao nos debruçarmos sobre os discursos dos professores grevistas do Colégio Comercial, a primeira constatação a ser destacada é a incerteza acerca de pontos primordiais do evento paredista, foco da nossa investigação, tais como: o marco inicial da greve, o dia de seu início, o tempo de duração da paralisação, a formação do comando de greve que dirigiu as atividades de mobilização dos professores.

No tocante à duração da greve, o professor Crispim ao responder sobre o período de duração do movimento, afirmou: “Não sei precisar de quantos dias ou meses durou, não. Não sei dizer. Faz muito tempo. Não dá pra lembrar, não”.

De acordo com esta afirmativa, a greve poderia até ter durado meses. Mas, o que é ressaltado pelo entrevistado, é a falta de lembrança sobre esta questão.

Por sua vez, a professora Aparecida, respondendo sobre quanto tempo tinha durado a greve, diz: “Aproximadamente um mês. Não sei exato quantos dias, mas foi aproximadamente um mês, que pode ter sido mais de um mês um pouquinho, ou menos de um mês um pouquinho. Não lembro quantos dias exatos.”

Já o professor Anchieta, falando acerca do período de duração do movimento grevista, é taxativo ao informar: “Não, não lembro bem. Mas eu acho que nós tivemos aí cerca de quinze dias de greve. (...) eu lembro que foi mais ou menos duas semanas de mobilização. Acho que não chegou a ser mais do que isso, não.”

Não conseguimos precisar com exatidão quanto tempo durou a greve dos professores do Colégio Comercial. Mas, chama a atenção o desencontro sobre esse aspecto daquele movimento, expresso pelos seus participantes. Contudo, podemos confiar na informação de uma das principais lideranças grevista, dando conta de que a mobilização teria durado cerca de quinze dias.

Se o tempo de duração da greve não pode ser precisado com exatidão, também o dia de seu início não pode ser estabelecido com igual presteza. Já com relação a como se iniciou a organização dos professores para a deflagração do movimento paredista, o professor Crispim ao ser indagado como o movimento nasceu, assim afirmou:

Olha, eu, eu tenho impressão que na época a gente cogitou com Anchieta, eu lembro-me que Anchieta também trabalhava no colégio, ensinava lá, parece-me que mecanografia, se não me engano, entendeu? Aí a gente começou a se reunir e começou a se formar outras pessoas de fora, partidárias, aquela coisa toda. O PT apareceu para nos apoiar na época. (...) Mas eu creio que teve esse sistema. Eu acho que por si só, a articulação pode ter nascido dentro do colégio, entendeu? A articulação nasceu dentro do colégio, o anseio, o desejo, a vontade. Mas houve uma força externa que impulsionou os professores a praticarem o ato de greve, entendeu? Alguma força externa deu um subsídio, uma base, deu um apoio logístico prá que os professores se articulassem e fizessem a greve. Eu não creio que por si só, na época tinham essa capacidade de deflagrar a greve.

Esse discurso do professor Crispim revela toda a cadeia de elementos presentes na conjuntura histórica da época, que contribuíram para a deflagração do movimento paredista. É verdade, uma força impulsionou os servidores do colégio comercial a lutarem pelos seus direitos. Uma força que veio da experiência vivida pelos diversos movimentos grevistas do início dos anos oitenta do século passado, uma força que veio dos professores e dos estudantes da universidade, do V Campus da UFPB. Uma força que veio dos professores do estado da Paraíba que já tinham exercitado o seu direito de greve³.

Sobre os primeiros passos da mobilização, o professor Anchieta nos dá a seguinte informação:

A gente começou a se reunir e discutir saídas para essa situação e o país vivia já uma onda de greves, a gente viu que era necessário essa mobilização, que era preciso se mobilizar, se organizar prá reivindicar os nossos direitos e aí a gente começou a se reunir, esse grupo, e começou também a discutir com o conjunto dos professores, começamos a discutir também em sala de aulas, nas salas de aulas tentando buscar apoio do alunado, a gente conseguiu isso, os alunos ficaram ao nosso lado, ficaram a nosso favor (...).

Sobre a própria organização da mobilização, quem fazia parte do comando de greve, por exemplo, os entrevistados revelam um certo desencontro e uma espécie de esquecimento a

³Ver a importante obra de VIEIRA, Agamenon, *CAMINHOS DA CONSTRUÇÃO (Movimento sindical e organização dos trabalhadores na Paraíba)*. João Pessoa-PB, Colina da Primavera Editora, 1986, acerca das primeiras greves dos professores do Estado da Paraíba no final da década de setenta e nos anos oitenta do século passado e sobre a organização dos demais segmentos dos trabalhadores da Paraíba. Queremos registrar que nessa obra, ao autor escreveu um capítulo sobre as greves de professores municipais no Estado da Paraíba, que ocorreram naquele período. No entanto, o autor em questão não registrou na citada obra, qualquer referência à greve dos professores do município de Cajazeiras realizada em 1984.

respeito dos nomes das pessoas que eram responsáveis pela direção da greve em estudo. O professor Crispim, uma das lideranças do movimento, ao responder a pergunta sobre quem fazia parte do comando de greve, comenta sobre a participação de várias pessoas em reuniões do comando, mas que não eram professores do Colégio Comercial. Assim ele responde a indagação sobre o comando grevista:

Eu lembro-me bem que apareceu na época, inclusive eu lembro de uma reunião que houve na casa onde eu morei, que era a casa de Zé Gorete, se não me engano. Na época tinha Zé Gorete, nos apoiando, tinha Zé Maria, tinha Joaquim Alencar, Anchieta também tava, Anchieta, Acho que Você Também. Tinha mais pessoas, inclusive, se eu não me engano, a esposa de Chico Araújo, se eu não me engano. Não tou bem lembrado. Tinha duas ou três mulheres pelo meio. Não Lembro quais. Mas houve uma reunião à noite na casa de Zé Gorete, por trás da catedral, prá decidir um, o movimento grevista. Inclusive, quem tava no comando nessa época era Joaquim Alencar, que fazia essa mediação, entre o nosso comando de greve e o prefeito na época.

A fala do professor Crispim revela a existência do comando, e expõe um *modus operandi* deste comando, com reuniões em casa de apoiadores do movimento e participação de pessoas que não eram efetivamente professores municipais. Ao ser indagado mais uma vez sobre os nomes dos professores do colégio que participavam do comando, este assim respondeu:

Dos professores de lá eu acho que, dizer mesmo, eu lembro bem que o Anchieta era uma pessoa muito engajada. Eu acho que ele era um dos enfrentantes, se não o principal. Não tenho outra pessoa para dizer assim que era esse. Mas eu aponto Anchieta como principal, o articulador dessa greve na época, a nível de professor.

A professora Aparecida Azevedo, por sua vez, respondendo a pergunta sobre quem fazia parte do comando de greve, tece o seguinte comentário:

Não tinha assim um comando, dizer assim fulano é comando de greve. Não. Foi encabeçada a greve com a insatisfação dos professores e estava à frente, sempre nas negociações o professor Risomar, Fred, Francisco das Neves, já estava nesse momento, já era professor do município, parece, era não? Eu sei bem que Fred, Risomar, Josué, Consueira, Anchieta, que é jornalista. Era a insatisfação dos professores e estava com eles e a gente ficava no apoio, engrossando o movimento.

Dos professores citados pela entrevistada, dois efetivamente não fizeram parte daquela greve, posto que não ensinavam ainda no Colégio Comercial em 1984. Trata-se do professor Francisco das Neves e do Professor Fred (Frederico Engels Coelho) que foram procurados para se reportarem sobre o assunto e afirmaram não terem participado daquele movimento paredista.

Até certo ponto é compreensível a colocação de nomes de pessoas que não fizeram a greve do Colégio Comercial em 1984, posto que em ano posterior a 1984, os professores daquele estabelecimento de ensino chegaram a realizar outra greve com novas pessoas participando da mobilização.

Vale lembrar, neste momento que apontamos desencontros entre as informações prestadas pelos entrevistados, a observação feita por Thompson indicando que é preciso “(...) reconhecer as falhas de memória entre eventos semelhantes em momentos diversos – como as duas eleições gerais de 1910, ou as greves de 1922 e 1926”⁴.

Por outro lado, não recordar com precisão dos nomes das pessoas que comandaram a greve denota uma contradição com a convicção de que aquela mobilização constituiu um importante momento histórico para os atores daquele evento, expressa nos discursos de todos os entrevistados.

Acerca da contribuição de outros segmentos da sociedade cajazeirense para o desenvolvimento do movimento grevista e o posicionamento destes setores face à greve em estudo, lembramos que na época foi criada uma rede de apoio aos grevistas do Colégio Comercial composta por professores e alunos do Campus V da UFPB, além de professores da rede estadual de ensino. O grupo de pessoas que fazia parte dessa rede de apoio aos grevistas passou a se reunir nas residências de alguns professores da UFPB para avaliarem, juntamente com o comando daquela greve, os desdobramentos dos acontecimentos referentes à mobilização.

A existência dessa rede de apoio está expressa no discurso dos grevistas acerca do posicionamento de outros setores da sociedade cajazeirense em relação à mobilização dos professores do Colégio Comercial. Com relação a esta rede de apoio podemos fazer apelo a

⁴ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira, 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e terra, 1998, p. 255. Os dois eventos citados pelo autor dizem respeito a história da Inglaterra.

um documento histórico bastante importante daquela greve, uma fotografia feita no dia 22 de agosto de 1984 (apresentada à página 33), registrando a manifestação realizada pelos professores, naquela data, que culminou com um ato público utilizando o palanque oficial erguido para acolher as autoridades presentes ao desfile cívico daquele dia. Terminado o desfile cívico oficial, os professores fizeram a sua caminhada pela avenida Padre Rolim, e suas lideranças e entidades de apoio subiram no palanque para discursarem, expondo as reivindicações dos profissionais em greve e exigindo respostas às autoridades competentes.

Na foto abaixo exposta, podemos ver o Professor da UFPB Edilson Amorim, que naquela época era o presidente da ASPEC, discursando em solidariedade aos professores municipais em greve. Do lado direito do professor Edilson Amorim vemos o Professor Anchieta de camisa azul. Também identificamos na foto a professora da UFPB Marilene Vigolvinho, no canto esquerdo do palanque, de blusa rosa e com papéis em suas mãos. Embaixo do palanque, no lado esquerdo, podemos notar a atriz cajazeirense Marcélia Cartaxo, de perfil, e a professora Sheva Maia que naquele período era do quadro docente da UFPB.

Outras pessoas estão no palanque portando faixas e cartazes com dizeres referentes às reivindicações dos professores grevistas. No canto direito vemos o carro de som contratado pelos professores. Na verdade, o proprietário daquele carro de som foi o único da cidade que aceitou locar o seu equipamento para os professores realizarem a manifestação programada para o dia da cidade.



Em relação ao apoio de setores da sociedade cajazeirense ao movimento grevista dos professores municipais, o professor Anchieta tem uma visão clara acerca dessa questão ao dizer:

(...) a gente na época não tinha sindicato, não era sindicalizado, a gente teve um apoio muito importante da ASPEC, Associação dos Professores de Cajazeiras, que englobava os professores da Universidade Federal, do estado e do município, apesar da entidade ser composta, a sua diretoria, apenas por professores da Universidade, mas foi muito importante, deu um apoio muito importante a gente, e a gente com esse apoio conseguiu sensibilizar toda a categoria e iniciar esse movimento.

O professor Anchieta também recorda da participação dos professores da rede estadual no apoio à mobilização dos educadores em greve. Assim ele se referiu a contribuição dos professores estaduais: “(...)tínhamos também a AMPEP, a Associação do Magistério do Estado da Paraíba que congregava os professores da rede estadual, foi uma entidade que também participou, nos ajudou muito na época”.

Por fim, o professor Anchieta fala da sua participação no movimento estudantil que teria servido como elemento de ligação para envolver os seguimentos da universidade no grupo de apoio à greve do magistério da Escola Municipal Constantino Vieira. Desta forma ele afirma:

Eu fazia parte da diretoria do Diretório Acadêmico, depois fui presidente, isso também contribuiu pra gente envolver a universidade, a ASPEC, os professores, alguns alunos também participaram juntamente com a gente desse movimento, que a gente tinha pouca experiência.

A professora Consueira, por sua vez, ao falar sobre as suas lembranças iniciais da greve, esboça o sentido da contribuição dos fatores externos que impulsionaram os educadores do Colégio Comercial a paralisar suas atividades. Declara a professora:

Assim, que embora a gente não tivesse muita experiência em greve, mas, no tempo era o que mais se visava. Buscar os direitos, recorrer a melhores salários, lutar por um salário mais digno. A gente não tinha a coragem, mas olhávamos para os movimentos de outras entidades e eles nos fortaleciam também.

O exemplo de greves dos vários segmentos que lutavam por melhorias salariais estimularam os professores municipais a tomarem o caminho da organização e da luta pelos seus direitos. Esse estímulo está bastante evidenciado na fala da professora Consueira.

Já a professora Aparecida, comentando a contribuição de outros seguimentos da sociedade cajazeirense à mobilização dos educadores do Colégio Comercial, diz textualmente:

Eu lembro bem que foi solicitado o apoio de outros setores, inclusive a UFCG, que na época era UFPB, né? Os professores davam o maior apoio a gente, como Marilene, Osmar, Apolinário, parece que já Zé Maria, também, dava assim um suporte de conquista, sei lá, um apoio moral e tudo. E também a gente foi buscar o apoio das autoridades religiosas, foi buscado o apoio da sociedade, inclusive os pais entenderam, os pais dos alunos entenderam o movimento e não mandaram os filhos pra escola. Porque o nosso movimento, na época, foi assim, a sociedade recebeu, foi o primeiro, então foi uma coisa que deixou quase que todo mundo assim admirado, como era que ia desencadear.

Outros aspectos importantes da mobilização que ora estudamos parecem ameaçados de serem degredados, sendo arquivado no plano do esquecimento. A mais importante manifestação pública dos grevistas, aquela que ganhou maior repercussão, chegando a deixar dois importantes documentos históricos acerca daquele evento (uma foto da manifestação realizada pelos professores após o desfile cívico do dia 22 de agosto de 1984, acima apresentada, e um panfleto escrito pelos grevistas e distribuído para a população naquela mesma data, não é recordada em detalhes pelos protagonistas do referido acontecimento.

Para comprovarmos a afirmação acima exposta, podemos fazer apelo a resposta dada pela professora Aparecida Azevedo ao ser indagada se lembrava que no dia da cidade, dia vinte e dois de agosto de mil novecentos e oitenta e quatro, ocorreu uma mobilização por parte dos professores. A forma lacônica expressada pela entrevistada demonstra que o esquecimento ronda a memória dos participantes da importante greve dos professores de Cajazeiras. Se não, vejamos as palavras da professora: “Eu não tenho lembrança disso! Não tenho lembrança. Não tenho lembrança também se a escola desfilou, não tenho lembrança do que houve no dia vinte e dois de agosto de oitenta e quatro. Não vou botar A nem B, porque eu não tenho lembrança”.

Acerca da produção e distribuição de um panfleto por parte dos grevistas, a existência do mesmo era praticamente desconhecida dos entrevistados até terem em suas mãos a cópia do panfleto na hora da entrevista. Surpresa e até um certo encantamento com o importante documento histórico que lhes foi apresentado, é o que se percebe nas palavras dos entrevistados.

Vejamos na própria voz dos sujeitos em estudo a surpresa face ao panfleto esquecido. O professor Anchieta ao ser questionado se lembrava da confecção do documento dos grevistas, aonde ele teria sido rodado, assim falou:

Não, lembro não. Lembro que no Comercial não foi não, porque a gente não tinha mimeógrafo lá, né? Um a coisa ainda manual, feita de forma amadora. Mas, muito histórico. Você ter essa cópia aqui, eu acho muito interessante essa cópia e esse panfleto esclarecia muito a greve. Foi distribuído, foi uma espécie de carta aberta à comunidade de Cajazeiras, explicando as razões da greve, o motivo da nossa paralisação, da nossa mobilização. E eu acho que esse panfleto chegou a uma boa parte, a uma boa parcela da comunidade cajazeirense. Foi uma forma da gente explicar os reais motivos da greve.

Já o professor Crispim, ao ser indagado se lembrava de algum documento escrito para a comunidade falando da greve, demonstra desconhecer tal fato. A respeito dessa questão o professor afirmou: “Não. Eu lembro que, se eu não me engano, a gente fez algumas entrevistas de rádios, aquela coisa toda, acho que até faixa foi feita, da greve. Não sei se panfletagem. Mas um documento escrito, não lembro, na época”.

Também a professora Consueira demonstrou desconhecer completamente a confecção do panfleto. Ao ser questionada sobre o documento dos professores grevistas, distribuído no dia 22 de agosto de 1984, durante a realização do desfile cívico comemorando o dia da cidade, assim respondeu: “Não, eu não me lembro. Eu só me lembro que houve assim, de não deixar que a gente passasse também lá onde estava o palanque. Houve muita proibição, assim, que a gente não tivesse lá no meio nesse momento”.

No que diz respeito sobre as lembranças acerca de medidas repressivas adotadas contra a mobilização dos professores, os discursos analisados revelam as práticas repressivas utilizadas pelo poder municipal. Contudo, a lembrança sobre a repressão é manifestada de forma diferenciada pelos sujeitos indagados, denotando uma certa discrepância das informações prestadas pelos entrevistados.

O professor Anchieta, comentando sobre a repressão que se abateu sobre os professores grevistas, assim se pronunciou:

(...)Não dá prá lembrar muito, mas eu acho que durante alguns atos públicos que nós realizamos houve ameaças aí de algumas pessoas, de agressões, de violência, casos isolados, né? (...)Olha eu lembro bem que uma professora foi demitida, a professora Consueira. Não lembro mais de algumas perseguições. Deve ter havido algumas perseguições dentro do colégio. Faz

muito tempo, é difícil você lembrar todos esses detalhes, mas o que marcou mesmo foi a saída da professora Consueira.

O professor Anchieta, em sua fala, recorda as ameaças de agressões contra os grevistas, quando diz, “durante alguns atos públicos que nós realizamos houve ameaças aí de algumas pessoas, de agressões, de violência, casos isolados, né?” No entanto, parece minimizar este aspecto da violência exercida contra a categoria mobilizada, ao declarar que trataram-se de casos isolados.

O que justificaria esse discurso do professor Anchieta? Na realidade, não poderíamos deixar de remarcar que, o outrora professor grevista exerce, desde janeiro de 2009, o cargo de secretário municipal na administração de Cajazeiras, e que inclusive o atual prefeito desta cidade, foi eleito com apoio expresso do ex-prefeito Epitácio Leite, que ocupava o cargo do Executivo municipal no ano de 1984, período da greve enfocada pela nossa pesquisa.

É provável que a função ora exercida pelo entrevistado tenha pesado sobre as declarações prestadas.

Ao ser indagado sobre a repressão contra a mobilização, o professor Crispim afirmou:

(...)Eu só lembro uma noite, lá no Colégio Comercial, eles vieram mesmo pra botar pra rachar na gente. (...)Inclusive tinha gente até armado. Me disseram que tinha gente até armado. E isso eu nunca esqueci. Entendeu? Até com arma.(...) Eu sei que houve uma repercussão muito grande na cidade, entendeu, da repressão que os professores tiveram na época. Repercutiu na mídia, na sociedade, entendeu. Foi até repudiada. Eu lembro-me na época, comentou-se muito da força que tava sendo empregada contra os professores.(...) -Não lembro se alguém foi demitido na época, não lembro, não tenho lembrança. Se alguma pessoa foi demitida não lembro. Faz muito tempo. Oitenta e quatro, faz vinte e seis anos. É muito tempo.

Na fala do professor Crispim, vemos que o fato de ter sido usada uma “tropa de choque” para ameaçar os professores é bem destacada. Esse professor, inclusive, comenta a repercussão que esse acontecimento teve. Por outro lado ele não lembra se algum professor chegou a ser demitido em virtude da participação na greve. Entretanto, a lembrança da violência praticada contra os educadores está nitidamente presente na sua memória, como algo que não pode ser facilmente esquecido.

Aquela que foi a escolhida para receber a maior punição por parte da administração, a professora Consueira, faz a seguinte declaração com respeito à violência e repressão adotadas contra os professores:

Não, eu não me recordo. Mas eu me recordo que no momento em que a gente queria passar no desfile com as faixas, tinha pessoas, que eu não sei quem, que nos empurrava pra que a gente não passasse. Mas se houve um momento lá dentro do colégio às escondidas, isso aí eu não sei. Não lembro nada disso (...). O que eu me lembro é que não houve assim... Eu só sei que eu fui demitida. (...)No momento eu não estou me lembrando. Mas (...) eu recebi minha carta de demissão.

O discurso da professora acerca da repressão, evidentemente realça o que aconteceu com ela, que foi posta para fora do quadro de docentes, recebendo a punição de não poder mais contar com o salário da função que exercia. As suas lembranças sobre a violência contra os professores não são precisas, apesar de recordar que “(...) no momento em que a gente queria passar no desfile com as faixas, tinha pessoas, que eu não sei quem, que nos empurrava pra que a gente não passasse”.

Já na primeira resposta da entrevista concedida, quando indagada sobre que lembranças ela tinha do movimento grevista de 1984, a professora Consueira se refere à punição que foi dirigida a mesma, ao declarar:

(...) na época, eu gostava muito de greve. Até que ajudei na utilização de carro de som. A gente se utilizou de tudo, de todos os meios pra divulgar a greve. E fui uma das pessoas assim que estive junto com o comando de greve, e até que veio a repressão, veio a demissão. Hoje eu não...assim. Já passou, né? Até perdoei, né? Não adianta mais ficar remoendo, mas a verdade é essa: fui demitida, fiquei desempregada muito tempo, desempregada! Não tô colocando aqui nenhuma lamentação, apenas dizendo a verdade, confirmando o que é verdade.

Ao observarmos a fala da professora, vemos que ela começa falando da sua participação em atividades da greve, nos meios usados para divulgação do movimento, na sua participação junto ao comando de greve, tudo relatado num tom positivo, que então é substituído imediatamente por um enfoque negativo, realçando o caráter da dura repressão que se abateu sobre a mesma.

Ainda que a professora acima citada diga textualmente que perdoou, que “não adianta mais ficar remoendo”, podemos perceber que suas palavras seguintes revelam um forte

ressentimento. Senão, vejamos as suas palavras: “mas a verdade é essa: fui demitida, fiquei desempregada muito tempo, desempregada! Não tô colocando aqui nenhuma lamentação, apenas dizendo a verdade, confirmando o que é verdade”.

A dificuldade da professora Consueira em suas recordações acerca da violência e repressão adotadas contra os grevistas pode ser compreendida como uma forma de afastar da sua memória os difíceis momentos vividos por ela durante a experiência daquele movimento grevista, cujas conseqüências para a sua vida foram efetivamente cruéis.

Por seu turno, a professora Aparecida faz a seguinte afirmação sobre as medidas repressivas contra os professores:

(...) chegou uma turma, uns homens, que eu não sei nem quem são, chegou e ficou fazendo pressão sobre o quadro de professores, sobre os professores que normalmente se encontravam na escola, onde teve deles que chegou até a sacar a arma. Mas, não houve, é, como os professores tem o gabarito da conversa, do dialogo, não houve coisas piores. Mas chegaram a sacar armas, a intimidar, né. Houve a agres... houve repressão nesse sentido. Depois houve solicitações de que o colega A, o colega B, tinha que ser demitido, e houve algumas demissões na época.

A professora em sua fala revela a pressão da “tropa de choque” sobre os professores, e também informa sobre a adoção de demissões como punição à categoria que ousara se rebelar e deflagrar uma greve, apesar de não mencionar os nomes daqueles que foram demitidos.

Com relação ao episódio da “tropa de choque” que ameaçou os grevistas, inclusive com armas, neste caso também os pontos de esquecimento aparecem nos discursos dos entrevistados. A professora Aparecida lembra do acontecido, mas não sabe quem eram estes homens que mostraram armas aos professores em sinal de intimidação.

A professora Consueira não recorda do episódio da “tropa de choque”, mas recorda que no dia do desfile cívico tinha pessoas empurrando os professores para impedi-los de passar no desfile. Entretanto, ela não sabe quem eram estas pessoas. Sobre esta questão a professora declara: “no momento em que a gente queria passar no desfile com as faixas, tinha pessoas, que eu não sei quem, que nos empurrava pra que a gente não passasse”.

Por sua vez, o professor Crispim ao ser questionado se lembrava quem eram as pessoas que faziam parte da “tropa de choque”, declara:

Lembrar assim o nome de todos não. Mas eu não sei se Euzébio era da prefeitura. Que eu lembro bem, a figura que eu lembro bem era Euzébio, a única figura que eu lembro bem, nessa época, era Euzébio. As outras eu não tenho muita recordação não. A pessoa que marcou mesmo foi ele, porque ele sempre tava na frente, e ele sempre demonstrou assim uma certa atitude agressiva, né. Mas não lembro do restante, não. Eu lembro muito bem dele. Dos outros eu não lembro. Não tenho idéia de quantos eram, essa equipe. Se eu não me engano, na época Eudomar fazia parte. Mas ele não, não, era como um mediador, quer vir a memória, sabe. Não sei se é verdade. Se ele fazia parte dessa equipe. Era ele Euzébio, não sei se tinha alguma outra pessoa muito influente. Não tenho recordação não.

O professor Crispim lembra dois nomes que teriam feito parte da “tropa de choque” que chegou a ameaçar os grevistas. Quanto às outras pessoas que faziam parte da equipe de choque da prefeitura, ele diz não ter recordação, nem lembrar.

Finalmente, um aspecto a ser destacado nas diversas declarações dos entrevistados, diz respeito a consciência que estes tem, e fazem questão de realçar, face ao papel histórico que desempenharam ao participar ativamente da greve de 1984.

O professor Anchieta ao comentar a importância daquele acontecimento histórico assim se reporta à greve do Colégio Comercial: “Um movimento importante que marcou a história do colégio e marcou também a vida dos servidores municipais de Cajazeiras, particularmente os servidores da rede de educação do município”.

O professor Crispim, por seu turno, na parte inicial de sua falação emite o seu parecer sobre a contribuição histórica da mobilização dos educadores do Colégio Comercial:

O que marcou na realidade foi uma nova consciência coletiva dos professores na época, de reivindicar os direitos de aumento, que era justo, que sempre, até hoje em dia o professor é marginalizado, pelo seu salário. Na época, época esse efeito foi sentido, e houve aquela consciência coletiva de fazer uma greve em prol de um reajuste para os professores.

O professor Crispim chega a fazer uma avaliação da greve, do posicionamento de seus participantes e do papel histórico desempenhado por aqueles professores. Neste sentido ele afirma:

Eu acho assim, que a greve ela teve seus pontos positivos, que foi um avanço cultural. Todo movimento grevista ele tem um cunho político e é a formação de consciência, uma nova consciência se forma a cada movimento grevista e novas experiências se sucedem, há um novo aprendizado e tudo que

propusemos naquela época foi fruto de um embate político. Então cada um teve a consciência de se posicionar no seu devido lugar, de fazer o seu papel. Cada um desempenhou o seu papel de acordo com o seu interesse.

Já a professora Consueira, esboçando uma avaliação de como as pessoas agiam naquela conjuntura histórica, assim fala:

Ah, nesse tempo, greve era uma coisa absurda, né?. As pessoas... não era todo mundo que tinha coragem de enfrentar um movimento grevista. A maior parte é, não queria, queria estar distante de tudo isso. Mas como, a gente sabia que trabalhava honestamente e não foi com intenção de prejudicar ninguém. Mas a intenção era realmente de ter melhores salários. Não era brigar por brigar. Mas que fossemos reconhecidos com melhores salários.

Está, portanto, presente no discurso da professora acima transcrito, a disposição de brigar pelos direitos, e isso num momento que apontava para a falta de coragem de “(...) enfrentar um movimento grevista”, por parte de uma boa parte das pessoas, naquela conjuntura histórica.

Podemos finalizar este artigo afirmando que, todos os professores entrevistados demonstram a consciência de terem cumprido um papel histórico importante, quando realizaram uma greve num período de transição e de abertura, mas aonde não reinava ainda a plenitude da democracia no Brasil, fazendo com que os mesmos demonstrem o orgulho do papel cumprido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 14ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

CASTRO, Pedro. **GREVE, Fatos e significados**. Série Princípios, São Paulo: Editora Ática, 1986.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo, Editora Contexto, 2007.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Et all colaboradores. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo, Editora Atlas, 1985.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira, 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e terra, 1998.

VIEIRA, Agamenon, **CAMINHOS DA CONSTRUÇÃO** (Movimento sindical e organização dos trabalhadores na Paraíba). João Pessoa-PB, Colina da Primavera Editora, 1986.